

Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul: A defesa de Uruguaiana

José Alberto Leal ^a

Resumo: O artigo tem por propósito analisar a defesa da cidade de Uruguaiana por partidários do Partido Republicano Riograndense, em face do ataque de oposicionistas ao governo estadual à cidade, no contexto da Revolução de 1923, no Rio Grande do Sul (RS). Para tanto, aborda o governo Júlio de Castilhos (1889 – 1898) e de seu sucessor Borges de Medeiros até o deflagrar da dita Revolução. Na sequência, discorre sobre as forças em presença, as principais lideranças e os combates em Uruguaiana. Relata brevemente as operações que se seguiram até o acordo de paz, concluindo sobre as consequências para o prosseguimento das ações. Baseou-se em pesquisa bibliográfica e em sítios da Internet.

Palavras-chave: Movimento de 1923. Rio Grande do Sul. Movimentos políticos.

PREÂMBULO

Muitos foram os movimentos políticos, armados ou não, que agitaram o cenário político brasileiro no primeiro quartel do Século XX. Esses movimentos, a maioria de caráter regional, tiveram repercussão nacional e, de certa forma, criaram o caldo de cultura que deu origem à Revolução de 1930, que

mudou a fisionomia política do país.

Este trabalho propõe-se a, no cenário do movimento de oposição ao Governo Borges de Medeiros em 1923, com foco nos combates em Uruguaiana, identificar as lideranças participantes, acompanhar o desenvolvimento das operações pela Fronteira Oeste do RS, concluindo sobre seu impacto no desenrolar do movimento.

^a General de Brigada. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



TUDO COMEÇOU MUITO ANTES

Não é possível compreender a Revolução de 1923 sem analisar-se a Revolução de 1893, pois que as causas da primeira brotam das consequências da segunda. Necessário esclarecer que adotaremos o termo revolução, pois assim são tratadas nos livros de história ainda que, tecnicamente, não o foram, por lhes faltar o caráter de objetivarem mudanças profundas no sistema político-social vigente.

Durante todo o período da Primeira República, o Rio Grande do Sul teve um único partido político ocupando o governo do Estado, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), criado em 1882, fundamentado no positivismo, no presidencialismo e na independência dos estados ante o governo central. A ele, desde logo se opôs o Partido Federalista do Rio Grande do Sul (PF), nascido em 1892, com tintas monarquistas e que propugnava pelo parlamentarismo e pela revisão da Constituição.

Fig. 1 – Júlio de Castilhos



Fonte: PUC-SP.

Júlio Prates de Castilhos (figura 1) liderava o PRR, cujos correligionários eram conhecidos por “castilhistas” e, de forma pejorativa, “pica-paus”. O PF era conduzido por seu fundador, Gaspar Silveira Martins, e seus adeptos, “gasparistas” ou “maragatos”¹.

A reassunção do governo do estado em 1893 por Júlio de Castilhos levou a que seus adversários políticos se exilassem no Uruguai e na Argentina, prática comum na política e vida gaúcha daqueles tempos, e de lá intentassem uma ação armada para a derrubada do governo castilhista, estopim da eclosão da Revolução de 1893, também chamada Revolução Fede-



ralista ou Revolução da Degola, prática desumana exercida pelos dois lados contra o inimigo capturado e que, nos combates do Boi Preto e do Rio Negro, tomou proporções assustadoras. Deflagrada a revolução, os lenços de pescoço, branco para os pica-paus e vermelho para os maragatos, não eram simples acessórios ou item de moda. Sua cor atribuía identidade ao portador e se tornaram verdadeiras bandeiras de guerra e, ainda nos tempos que correm, identificam a ascendência dos que os envergam².

A Revolução Federalista terminou em agosto de 1895, com a vitória dos republicanos (pica-paus) e teve início o período castilhistas, durante o qual Júlio de Castilhos consolidou seu poder, não só no PRR, como também no estado, utilizando-se da estrutura do governo e das regras políticas de então para impedir o acesso de adversários a posições importantes. Ao aproximar-se o final de seu último mandato, escolheu como sucessor Antônio Augusto Borges de Medeiros, justamente o mais jovem entre os republicanos tradi-

cionais. Duas versões existem sobre esta decisão. A primeira, difundida pelos aliados, é de que havia entre ambos afinidades ideológicas, pois eram positivistas. A outra, propalada pelos adversários, é de que “decorrera da circunstância de ser o último mais acessível e mais dócil à continuidade da liderança do ‘patriarca’, o que lhe permitiria continuar determinando os rumos da política gaúcha”. Os fatos parecem corroborar a segunda hipótese, pois, após a posse de Borges em 1898, Castilhos seguiu no controle do PRR até sua morte em 1903³.

Fig. 2 – Borges de Medeiros



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.



Borges de Medeiros (figura 2) mostrou ter aprendido bem as estratégias e condutas castilhistas, pois manteve-se no governo do estado até 1928, em sucessivas reeleições, algumas como candidato único pois, nem a oposição tinha forças para fazer-lhe frente, nem os dissidentes do PRR conseguiam apresentar candidatura alternativa. Consolidou a estrutura política do estado e reorganizou a administração pública e a economia gaúchas, valendo-se das prerrogativas dadas pela Constituição estadual de poder anular decisões tomadas por autoridades locais.

A CONJUNTURA POLÍTICA NO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 1922

Em meados de 1922, Borges de Medeiros, mais uma vez, lançou-se candidato pelos republicanos, no que seria sua quinta eleição para governador. A conjunção político-econômica era desfavorável às suas pretensões, por três circunstâncias.

A primeira, o descontentamento pelas sucessivas reeleições, pejada de fraudes, conforme afirmavam os adversários. A segunda, a eleição de Artur Bernardes para presidente da República, que recebeu o apoio da oposição gaúcha. A última e, possivelmente, a mais importante, a crise na pecuária, provocada pela redução drástica da exportação de carne bovina para a Europa, ao término da Primeira Guerra Mundial e o desagrado dos pecuaristas com a atuação do governo que, fiel aos princípios positivistas, não se empenhou efetivamente junto ao governo federal para alavancar a principal atividade econômica gaúcha. Esse panorama animou os anti-borgistas a escolher um candidato capaz de unir suas três principais vertentes: os federalistas, os antigos democratas de Joaquim Francisco de Assis Brasil (figura 3) e a dissidência republicana. O nome escolhido foi o de Assis Brasil, lançado candidato via um manifesto em outubro de 1922. Este político gaúcho tinha vasta experiência política, tendo ocupado cargos de Deputado provincial e



federal, além de ter atuado em funções de viés diplomático para o governo federal⁴.

Fig. 3 – Assis Brasil



Fonte: Wikimedia-Wikicommons.

As eleições, realizadas em novembro, se deram num ambiente tensionado por boatos de eclosão de um levante contra o governo estadual e seguidas por acusações de fraude de parte a parte. A Comissão de Apuração, formada por vinte e quatro deputados, a maioria de deputados republicanos, sob a presidência de Getúlio Vargas, deu a vitória a Borges de Medeiros, após uma contagem de votos que durou quase dois meses. A Assembleia Legislativa, de maioria governista, rapidamente ratificou o

resultado. O fato de Assis Brasil só ter vencido em um município, apesar da forte influência que tinha na região da campanha e na capital, era a comprovação da fraude, alegavam os oposicionistas. Isto tensionou ainda mais a situação e, em 25 de janeiro de 1923, quando Borges de Medeiros tomava posse, simultaneamente, estourou a Revolução, sob a liderança geral de Assis Brasil.⁵

Tendo em vista sua inferioridade em pessoal, armamento e material, o comando revolucionário decidiu adotar a estratégia de evitar confrontos diretos e realizar operações de mobilidade, fustigando os contrários, enquanto aguardava a intervenção federal do governo Artur Bernardes. Suas forças foram organizadas em cinco colunas, distribuídas pelas diferentes regiões geográficas do Estado:

Leonel Rocha (Norte), Felipe Portinho (Nordeste), Honório Lemes (fronteira Sudoeste), Estácio Azambuja (Centro Sul) e Zeca Netto (Sul). Esses grupos possuíam centenas de combatentes. A mais famosa e a que



Fig. 4 – Mapa da Fronteira Oeste do RS



Fonte: IBGE

ocupou o maior número de cidades foi a Coluna do General Honório Lemes, o ‘Leão do Caverna’⁶.

As partes em luta eram conhecidas por apelidos e pelas cores dos lenços, herança da revolução de 1893. Os republicanos e seus aliados eram chamados “chimangos (ou ximangos)” e usavam lenços brancos. Seus opositores eram os “maragatos”, distinguidos pelos lenços vermelhos. Ambos os apelidos eram depreciativos. Chimango, uma ave de rapina, fazia alusão ao poema satírico “Antônio Chimango”, que atacava o Governador; e

maragato referia os mercenários uruguaios, a maioria proveniente de uma região do Uruguai colonizada por espanhóis oriundos da Maragateria, comarca espanhola.

HOMENS E ARMAS NA FRONTEIRA OESTE

A região da Fronteira Oeste localiza-se no sudoeste do Rio Grande do Sul tendo, em 1923, 7 municípios: Uruguaiana, Itaqui, Quaraí, Santana do Livramento, Alegrete, Rosário e São Gabriel (figura 4). Tem cerca de 300 km na maior dimensão (sudoeste-



nordeste) e de 170 km na direção sul-norte.

Em 1923, havia uma estrada carroçável ligando Uruguaiana a Alegrete e daí a Rosário e São Gabriel. Entre Uruguaiana e Alegrete saía uma variante para Quaraí e Livramento (em marrom no mapa). A malha ferroviária era constituída de dois ramais, um que, da Barra do Quaraí, fronteira com o Uruguai, ia até São Borja e outro que ligava Uruguaiana a Santa Maria, passando por Alegrete, Rosário e São Gabriel. Apesar de ser o principal meio de transporte da época, foi pouco utilizada nas operações, assim como o transporte fluvial.

A região faz parte do pampa gaúcho, caracterizado pelo relevo suave, de campos nativos. O acidente orográfico de destaque é a Serra do Caverá, entre Alegrete e Livramento (em preto no mapa). Os principais rios no interior do polígono são o Ibicuí ao Norte, o Ibirapuitã e o Santa Maria no centro-sul da área. A região faz fronteira com o Uruguai ao sul e com a Argentina a oeste.

Na eleição de 1922, Borges de Medeiros não alcançou votação suficiente para ser reeleito em Uruguaiana, que contava com forte representação federalista.

Fig. 5 – Honório Lemos



Fonte: Olhares sobre Pelotas/facebook.

O gaúcho maragato Honório Lemos (figura 5) era tropeiro⁷, pequeno estancieiro e um líder natural. Liderança comprovada na Revolução Federalista e legitimada por seus seguidores, o que lhe garantiu estar à frente da Coluna da Fronteira Sudoeste ou ainda Exército Libertador do Oeste, como foi chamada a tropa sob seu comando, além da direção do Diretório do



Partido Federalista em Rosário do Sul⁸.

Honório Lemes não tinha o aspecto dos caudilhos tradicionais. Tratava qualquer soldado como um igual. O efetivo de sua tropa chegou a atingir cerca de 3 mil homens. Lemes era um chefe carismático. Usava um linguajar típico, era sagaz e inteligente, ditava as ordens com termos adequados, frases sóbrias ritmadas e pausadas, indicando uma espécie qualitativa da pontuação, mesmo sendo quase analfabeto. Seu amplo conhecimento do território pampeano deu a ele uma grande vantagem com relação aos seus perseguidores.⁹

Por seus ideais libertários e sua atuação na Revolução de 23 foi cognominado “Leão do Caverá” e “Tropeiro da Liberdade”.

Sua tropa era bastante heterogênea, contando com figuras de destaque no PF e no estado, como o Deputado Gaspar Santana Saldanha, Dr. Adalberto Corrêa e João Batista Luzardo – que na era Vargas teria grande destaque – e gente comum, partidários, vizinhos e

amigos. Chegou a ter cerca de 3.000 homens, mas para as ações em Uruguaiana foram empregados 2.000. Seu armamento era pouco e obsoleto, a maioria remanescente de 1893.

De uma maneira geral, o armamento consistia em revólveres, carabinas e poucos fuzis, além de lanças e espadas. A munição era pouca e o ressuprimento difícil. A tropa movia-se a cavalo, opção facilitada pelo grande número de equinos existentes na área, o que facilitava sua substituição. Dinheiro, roupas e mantimentos eram obtidos por contribuição de simpaticizantes e, mediante requisição, nome pomposo para o saque, das propriedades dos adversários¹⁰.

Fig. 6 – Flores da Cunha



Fonte: <https://claudemirpereira.com.br>.



José Antônio Flores da Cunha (figura 6) era natural de Santana do Livramento, de família estancieira, culta e republicana. Formou-se advogado, foi delegado de polícia no Rio de Janeiro, deputado estadual e federal. Em 1923, era o intendente (prefeito) eleito de Uruguaiana. Flores da Cunha foi, sem dúvida, um homem de gestos e gostos arrebatados, dotado de bravura pessoal, firmeza de atitudes e esmerada cultura, além de administrador público criterioso e proficiente e político de visão descortinada¹¹. Era também famoso por seu apego às mulheres, aos jogos de

cartas e roleta e às corridas de cavalos. Conta-se que, já no final da vida, questionado por um jornalista sobre como havia perdido sua fortuna, respondeu, num átimo: “Cavalos lentos e mulheres rápidas”.

Preocupado com os informes que davam conta de iminente rebelião pelos liderados de Assis Brasil, Flores da Cunha conseguiu que o governador lhe franqueasse um cheque no valor de setenta e cinco contos de réis, emitido contra o Banco Holandês de Buenos Aires. Com esse cheque, Flores seguiu, incógnito, para Buenos Aires, onde

Fig. 7 – Flores da Cunha discursa para as forças republicanas, no centro de Uruguaiana.



Fonte: Museu Martiniano Benites.



adquiriu 400 fuzis Mauser, 400 sabres-baionetas e 120.000 cartuchos calibre 7,65 e acompanhou pessoalmente seu transporte até Paso de los Libres, daí cruzando o Rio Uruguai em dois barcos, sempre de forma sigilosa, sendo armazenados em um depósito municipal, sob guarda. Este material bélico faria grande diferença nos combates que se seguiriam, compensando o reduzido efetivo das forças republicanas na cidade¹².

Os chimangos dispunham de um número restrito de combatentes. Cerca de 700, segundo Raul Pont, no livro *Campos Realengos* vol. II, ou 400, conforme afirma o próprio Flores da Cunha, em depoimento transcrito em livro¹³. Esse efetivo era composto por 40 homens da Brigada Militar (a Polícia Militar do RS), integrantes da Guarda Municipal e a Guarda Republicana, formada por civis de Uruguaiana e de cerca de 200 homens de Itaqui, trazidos por Frodoardo Silva¹⁴. Esta tropa não tinha problemas no abastecimento logístico, pois estava em sua própria

cidade e contava com os meios da Intendência Municipal¹⁵.

É importante destacar que, em ambas as forças, não havia militares de carreira, nem pessoas com conhecimento da arte da guerra. Dessa forma, as decisões eram tomadas com base nos relatos de ações em revoluções anteriores, no tirocínio de cada comandante e no bom senso – ou falta dele.

Durante toda a revolução, não houve participação explícita de tropas federais, por determinação de Artur Bernardes para que não houvesse intervenção do Exército, ainda que seja voz corrente que, nos quartéis, havia parentes e amigos dos beligerantes que, de forma sub-reptícia, buscaram formas de ajudá-los.

O CERCO DE URUGUAIANA

Na tarde do dia 2 de abril de 1923¹⁶, Flores da Cunha tomou conhecimento que uma coluna maragata, de grande efetivo e a comando de Honório Lemes, saíra de Quarai para atacar Uruguaiana.



A vanguarda, muito adiantada, estava a cerca de 10 km da cidade, mas o grosso da força, pela distância, só teria condições de atacar a partir do amanhecer do dia seguinte. Frente a estas informações, foi determinado o estabelecimento de uma linha de trincheiras entre o Matadouro Municipal e o Arroio Salso de Cima (cerca de 2 km), barrando a estrada que demandava Alegrete, por onde, obrigatoriamente deveriam vir os maragatos.¹⁷

Por volta das oito horas do dia 3, a vanguarda, a comando do Dr. Adalberto Corrêa – político quaraíense – atacou, sendo repelida pelo fogo eficaz dos fuzis Mauser.

Outros dois ataques se seguiram, empregando o grosso da tropa, sendo igualmente rechaçados. Num desses ataques, os revoltosos tentaram direcionar sobre as trincheiras uma manada de gado estourada, mas a manobra não deu certo.

Com a chegada da noite, interromperam-se os combates e Flores da Cunha determinou o retraimento da tropa e a instalação de trincheiras nas bocas de rua orientadas para o lado do inimigo, enquanto as forças atacantes acampavam nos arrabaldes ao Sul da cidade. As trincheiras foram improvisadas, com arame farpado, bolsas de lã e escavações.

Fig. 8 – Trincheira republicana em Uruguaiana



Fonte: Museu Martiniano Benites.



“Como ficou danificada nossa querida cidade [...] com arames de farpa em cercas de defesa e buracos e fossas cavados às pressas, para trincheiras”.¹⁸

Na manhã do dia seguinte, ataque das tropas libertadoras que, pelo lado sudoeste da cidade, visava a penetrar até o centro pela Rua Gen Bento Martins, foi detido na

recalcados para o Sul. A ação defensiva foi facilitada pela atuação do Dr. João Fagundes que, munido de binóculos e instalado em uma das torres da Igreja Matriz, ponto mais elevado da cidade, informava a Flores os movimentos e localização das tropas adversárias.

No dia 5, vários ataques foram tentados contra a trincheira locali-

Fig. 9 – Trincheira na esquina das ruas Sant’Anna e 13 de Maio



Fonte: Museu Martiniano Benites.

altura do Colégio Santana. Pela tarde, um contra-ataque chimango levou os atacantes, depois de repelidos, a entrar em posição na Coxilha do Maragato, elevação onde hoje está situado o Posto Médico da Guarnição, sendo mais tarde

zada duas quadras ao sul do antigo Mercado Municipal (hoje instalações da AES Sul). Da violência desses ataques ficaram, sobre a trincheira, os corpos de nove cavalos e de seus cavaleiros, mortos na tentativa de saltá-la. Na madrugada



do terceiro para o quarto dia, as tropas de Honório Lemos levantaram acampamento e retraíram para Quaraí e para o Alegrete, encerrando o cerco.¹⁹

Para comemorar o sucesso, Flores da Cunha instalou, na sede do PRR, uma faixa com a frase: “Uruguaiana, cidade invicta”. Entende-se o arroubo, típico da personalidade deste caudilho, mas a frase é um erro histórico, já que Uruguaiana foi ocupada pelos paraguaios em 1865.

Fig. 10 – Prisioneiros maragatos. Entre eles, o travestido de mulher



Fonte: PONT, Raul. *Campos Realengos*.

Mas os combates tiveram também o seu lado cômico. Durante as ações na Coxilha do Maragato, foi capturado um combatente libertador que tentava se esgueirar pelas fileiras republicanas travesti-

do de mulher, inclusive com ruge e batom (figura 10). O andar canhestro e, sobretudo, o farto bigode o traíram e provocaram sua prisão²⁰.

A PERSEGUIÇÃO E O FINAL

Retraindo o inimigo, Flores da Cunha recebeu o posto de coronel e, posteriormente, o comando da chamada Brigada do Oeste, com a missão de perseguir as tropas de Honório Lemes, que se homiziara na Serra do Caverá, terreno do qual o líder maragato era grande conhecedor. Valendo-se desse conhecimento, manteve-se sempre em movimento, evitando combates decisivos e fustigando as forças republicanas quando possível.

No combate da ponte do rio Ibirapuitã, em Alegrete, quando os chimangos, Flores da Cunha à testa, realizaram duas cargas sobre a ponte, com o inimigo instalado na outra cabeceira, tiveram muitas baixas, mas os margatos se viram forçados a recuar, prosseguindo para a região das Missões e, em seguida, retornando à fronteira



Oeste, seguindo com suas táticas evasivas, até o final daquele ano.

A assinatura do Pacto de Pedras Altas, em 14 de dezembro de 1923, acordo entre os beligerantes mediado pelo então Ministro da Guerra, general Setembrino de Carvalho, emissário de Artur Bernardes, trouxe uma paz relativa e não agradou plenamente a nenhum dos lados.

Particularmente nas hostes assisistas, foi maior o desagrado, em razão da permanência de Borges de Medeiros no governo do estado. Vai daí que:

Sentindo-se ainda perseguidos por Borges de Medeiros, muitos dos elementos oposicionistas passaram a ingressar no Exército ou a estabelecer ligações com a jovem oficialidade revolucionária, isto é, o grupo dos ‘tenentes’. Essas insatisfações acabariam confluindo com as rebeliões tenentistas que grassavam o país desde 1922²¹.

CONCLUSÃO

A Revolução de 1923 foi inteiramente gaúcha, tanto por seus participantes, quanto por limitar-se ao território do Rio Grande do Sul e não ter havido intervenção de tropas federais.

Tal como as consequências da Revolução da Degola resultaram nas causas de 1923, da mesma forma, esta serviu de semente para a Revolução de 1924 no RS.

No curso das operações e das tratativas políticas, novas lideranças foram surgindo. Na área da Fronteira Oeste, destacaram-se José Antônio Flores da Cunha e Osvaldo Aranha, entre os republicanos, e João Batista Luzardo do lado rebelde. Estas personagens se evidenciariam mais na Revolução de 1930, vindo a ocupar postos de destaque na Era Vargas.

Não havia militares de carreira em nenhum dos lados, o que levou à adoção de táticas e estratégias ditadas pelo uso e costume ou pela vontade dos comandantes, resultando em decisões que custaram



muitas vidas, que poderiam ter sido preservadas.

A mais importante consequência das operações na Fronteira Oeste, além do enfraquecimento dos federalistas, decorre do que não aconteceu e só pode ser imaginado.

Como afirmou Flores da Cunha, se Uruguaiana caísse em mãos dos rebeldes, isso criaria as condições para Assis Brasil ali estabelecer a capital dos maragatos²², prolongando a luta ou quiçá, já no terreno das especulações, forçando a intervenção federal e trazendo um final mais favorável aos revoltosos.

BIBLIOGRAFIA

JOAQUIM Francisco de Assis Brasil (verbete). *Wikipedia*, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Francisco_de_Assis_Brasil. Acesso em 2 set 2023.

LEMES, Leonardo. Os cem anos da Revolução de 1923, a terceira e

última grande guerra gaúcha. *GZH comportamento*, Porto Alegre, 3 fev. 2023. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/os-cem-anos-da-revolucao-de-1923-a-terceira-e-ultima-grande-guerra-gaucha-cldlmqna9000q01579wq6ckyv.html>. Acesso em 2 set. 2023.

MOREIRA, Regina da Luz. *Revolução Gaúcha de 1923*. CPDOC – FGV, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLUÇÃO%20GAÚCHA%20DE%201923.pdf>. Acesso em 1 set. 2023.

PONT, Raul. *Campos Realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edigal, 1986.

SANTOS, Marisa E. Simon dos. *Honório Lemes, um líder carismático: relações de poder no Rio Grande do Sul 1889/1930*. Porto Alegre: Martins Livreiros, 2015.



SCHIRMER, Lauro. *Flores da Cunha: de corpo inteiro*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2008.

SILVA, Lúcia Silva e. *Uruguaiana e seus coronéis*. Porto Alegre: L.S.S. Evangraf, 2001.

SOARES, Luiz Francisco. *Coronelismo & revolução*. São Borja: Faith, 2014.

TEIXEIRA, Paulo César. *Revolução de 1923: a última guerra civil que separou os gaúchos*. *GZH Almanaque*, Porto Alegre, 23 jan. 2023. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2023/01/revolucao-de-1923-a-ultima-guerra-civil-que-separou-os-gauchos-cld9d2itd0030014szsas86aq.html>. Acesso em 3 set. 2023.

VILLELA, Urbano Lago et al. *Uruguaiana: imagem viva da terra gaúcha*. Uruguaiana: Câmara Municipal de Uruguaiana, 1982.

¹ MOREIRA, Regina da Luz. *Revolução Gaúcha de 1923*. CPDOC – FGV, disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLUÇÃO%20GAÚCHA%20DE%201923.pdf>. Acesso em 1 set. 2023.

² Ibid.

³ MOREIRA, op.cit.

⁴ Joaquim Francisco de Assis Brasil (verbeta). *Wikipedia*, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Francisco_de_Assis_Brasil. Acesso em 2 set 2023.

⁵ MOREIRA, op.cit.

⁶ TEIXEIRA, Paulo César. *Revolução de 1923: a última guerra civil que separou os gaúchos*. *GZH Almanaque*, Porto Alegre, 23 jan. 2023. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2023/01/revolucao-de-1923-a-ultima-guerra-civil-que-separou-os-gauchos-cld9d2itd0030014szsas86aq.html>. Acesso em 3 set. 2023.

⁷ Tropeiro – o que fazia o transporte, por terra, de gado vacum, equino ou asinino.

⁸ SANTOS, Marisa E. Simon dos. *Honório Lemes, um líder carismático: rela-*



ções de poder no Rio Grande do Sul 1889/1930. Porto Alegre: Martins Livreiros, 2015.

⁹ LEMES, Leonardo. Os cem anos da Revolução de 1923, a terceira e última grande guerra gaúcha. *GZH comportamento*, Porto Alegre, 3 fev. 2023. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/02/os-cem-anos-da-revolucao-de-1923-a-terceira-e-ultima-grande-guerra-gaucha-cldlmqna9000q01579wq6ckyv.html>. Acesso em 2 set. 2023.

¹⁰ SANTOS, op.cit.

¹¹ SCHIRMER, Lauro. *Flores da Cunha: de corpo inteiro*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2008.

¹² Ibid.

¹³ VILLELA, Urbano Lago et al. *Uruguaiana: imagem viva da terra gaúcha*. Uruguaiana: Câmara Municipal de Uruguaiana, 1982.

¹⁴ SOARES, Luiz Francisco M. *Coronelismo & revolução*. São Borja: Faith, 2014.

¹⁵ SILVA, Lúcia Silva e. *Uruguaiana e seus coronéis*. Porto Alegre: L.S.S. Evangraf, 2001.

¹⁶ Há divergências sobre esta data. Alguns autores apontam este dia como 29 de março, outros indicam 3

de abril. O próprio Flores da Cunha, em seu depoimento, não cita data.

¹⁷ VILLELA, op.cit.

¹⁸ SOARES, op.cit.

¹⁹ CONSTANT, op.cit.

²⁰ Ibid.

²¹ MOREIRA, op.cit.

²² VILLELA, op.cit.